Revista Poíesis Pedagógica

Ano 2025 – Jan./Dez.
Volume 23, e2025008
Páginas 1–21
ISSN 2178–4442
10.69532/2178-4442.v23.75069

Artigo Original

A identidade universitária em (re)construção: a influência da indústria cultural contemporânea

The university identity in (re)construction: the influence of the contemporary cultural industry

La identidad universitaria en (re)construcción: La influencia de la industria cultural contemporánea

Luciano Rogério do Espírito Santo Abrão
Universidade Federal de Catalão

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo a realização de uma breve análise bibliográfica (descritiva, analítica e interpretativa) dos reflexos contemporâneos produzidos pela indústria cultural nos processos de construção identitária nos espaços universitários, com enfoque na tentativa de homogeneização econômica e política embalada em eventos e produtos artísticos e esportivos voltados ao público universitário. A hipótese apresentada relaciona a possibilidade de diminuição da capacidade crítica e de resistência intelectual na academia à submissão de parte da comunidade estudantil a tais fetiches culturais. Para tal escopo, privilegiamos uma releitura da "teoria crítica da sociedade", cuja matriz dialética nos permitiu analisar parte das contradições da realidade social nas quais se desenvolvem essas relações de poder. Por esse caminho, concluímos que, se há méritos nesta análise, estes não são verdades epistemológicas, mas provocações a depender de efetiva comprovação em futura pesquisa, que, ao contrário desta, deverá ser empírica e mais alargada pelo prisma teórico-metodológico.

Palavras-chave: Indústria cultural; Identidade; Estudantes universitários.

Abstract

This research aims to carry out a brief bibliographical analysis (descriptive, analytical and interpretative) of the contemporary reflections produced by the cultural industry in the processes of identity construction in university spaces, focusing on the attempt at economic and political homogenization packaged in events and artistic productions such as sports aimed at university audiences. The hypothesis presented relates the possibility of a decrease in critical capacity and intellectual resistance in academia to the submission of part of the student community to such cultural fetishes. For this scope, we privilege a reinterpretation of the "critical theory of society", whose dialectical matrix allowed us to analyze the contradictions of the social reality in which these power relations develop. Thus, we conclude that, if there are merits in this analysis, these are not epistemological truths, but provocations that depend on effective proof in future research, empirical and broader from a theoretical-methodological perspective.

Keywords: Cultural industry; Identity; University students.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo realizar un breve análisis bibliográfico (descriptivo, analítico e interpretativo) de los reflejos contemporáneos producidas por la industria cultural en los procesos de construcción identitaria en los espacios universitarios, centrándose en el intento de homogeneización económica y política envasada en eventos y Productos deportivos dirigidos al público universitário. La hipótesis presentada relaciona la posibilidad de una disminución de la capacidad crítica y de la resistencia intelectual en la academia con el sometimiento de una parte de la comunidad estudiantil a tales fetiches culturales. Para ello, privilegiamos una reinterpretación de la "teoría crítica de la sociedad", cuya matriz dialéctica nos permitió analizar las contradicciones de la realidad social en la que se desarrollan estas relaciones de poder. Así, concluimos, que, si hay méritos en este análisis, no son verdades epistemológicas, sino provocaciones que dependen de una confirmación efectiva en futuras investigaciones, empíricas y más amplias desde una perspectiva teórico-metodológica.

Palabras clave: Industria cultural; Identidad; Estudiantes universitarios.

CC BY

OPEN ACCESS

1. NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de tudo, faz-se importante ressaltar que, a formação de identidades tem sido objeto de pesquisas em diversos ramos do saber, envolvendo, dentre outros, estudos pedagógicos, antropológicos, linguísticos, jurídicos, filosóficos, geográficos, históricos, sociológicos e psicológicos. Nesse sentido, o espaço, o tempo, as relações sociais e as elaborações mentais são os substratos para as diversas abordagens sobre a construção social das identidades (construção identitária), bem como para o desvelamento dos processos identitários que a possibilita.

Outro ponto de partida necessário à compreensão do tema, reside no fato de as diversas identidades culturais estarem em permanente construção/reconstrução, já que, por serem edificadas a partir de processos identitários em meio a negociações de significados num jogo de interesses em constante tensão, não são estáticas nem definitivas.

Pelo contrário, "sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas [tampouco], imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação" afirma Boaventura de Sousa Santos (2003, p. 135), para após, assegurar que,

> Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (Santos, 2003, p. 135).

Nessa pesquisa, o espaço Universitário, que se estende para além das edificações das Universidades, Centros Universitários e Faculdades, e, no qual as relações entre os sujeitos da vida acadêmica são desenvolvidas, apresenta-se como essencial ao estudo da formação identitária do/a estudante universitário/a, pois, "o espaço, além de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos funcionais, estruturais e afetivos" (Almeida, 2003, p. 71).

Por essa perspectiva, podemos conceber o espaço, em especial o espaço universitário "[...] como o lugar onde homens e mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses" (Almeida, 2003, p. 71).

Entretanto, na contemporaneidade é importante compreender que a complexidade dessas relações supera a tradicional representação homem-mulher, haja vista a existência de universitários/as que se identificam como transgênero[1], gênero neutro[2], poligênero[3], gênero-fluido[4], além de

1 Conhecidas como pessoas transgêneras ou trans, são aquelas cuja identidade de gênero não coincide com a atribuída ao nascer (mulher ou homem), sem que isso dependa da realização de cirurgias e/ou de outros procedimentos/tratamentos médicos.

2 Não se trata do conceito gênero neutro oriundo da linguística, e sim de um termo utilizado nos estudos sobre identidade de gênero para identificar pessoas que não se veem no universo masculino, tampouco no feminino.

3 O termo poligênero se refere às pessoas que se identificam com vários gêneros ao mesmo tempo.

4 Como a própria etimologia da palavra indica, a pessoa cujo gênero é fluido não possui uma identidade fixa de gênero estando sempre a alterná-los. Por exemplo, hoje é mulher, amanhã homem...

outros[5]. Além do mais, tal observação exemplifica os desafios a que estão expostas as pesquisas cujo objeto está voltado à compreensão dos processos de identificação.

Nesse contexto, no qual todos os aspectos apresentam níveis consideráveis de profundidade, o principal desafio é fugir das simplificações, haja vista, que,

> [...] o interesse nos processos identitários não se restringe às características e identificação dos marcadores, como fazem crer, muitas vezes, os estudos substancialistas. [Ao contrário] sua complexidade compreende a análise das mudanças sociais, políticas e culturais que alteram significativamente a realidade social, tanto no que diz respeito às novas demandas e conquistas de novos direitos, quanto à emergência de novos atores sociais, os quais se inventam e inventam os outros constantemente. Esta continua sendo uma questão de fundamental importância no cenário contemporâneo, a qual não pode ou não deve ser observada com as lentes distorcidas da celebração ou da negação das diferenças (Ennes; Marcon, 2014, p. 302).

Assim, ainda que de maneira singela, adotaremos parte das proposições esposadas pelos teóricos acima citados, para quem as análises sobre processos identitários, além dos sujeitos sociais, devem considerar, "[...] o que está em disputa, quais as normas, os discursos que mediam as relações de poder, e os contextos sociais nos quais se inserem" (Ennes; Marcon, 2014, p. 302).

Outro ponto importante a ser considerado, reside no fato de que,

> Estes elementos devem dar conta das relações por meio das quais se produz o pertencimento e a alteridade, a hierarquização e a transgressão social, além dos processos tensos, dinâmicos, ambíguos e ambivalentes de classificação. Ou seja, sugerimos que as questões colocadas pela análise social levem em consideração os sujeitos, as formas e os embates através dos quais eles elaboram seus entendimentos sobre si próprios e sobre os outros em condições específicas (Ennes; Marcon, 2014, p. 302).

Desse modo, como é no âmbito da Academia que os reflexos e as tensões resultantes dos processos de edificação da identidade do/a estudante universitário/a são materializados, e, uma vez que, "cada espaço, tornando-se social, está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas" (Almeida, 2003, p. 71), entendemos que é pela análise destes últimos, com enfoque privilegiado partindo do conceito de *indústria cultural* que a presente pesquisa deve seguir.

Nesse caminho, por intermédio de uma breve análise bibliográfica (descritiva, analítica e interpretativa) sopesaremos ainda os fragmentos da hipótese[6] aqui levantada, relacionando a possibilidade de diminuição da capacidade crítica e de resistência intelectual no espaço universitário,

5 Nos estudos sobre Identidade de gênero há inúmeras classificações. Entretanto, nesta pesquisa citamos, superficialmente, apenas algumas a título de exemplos.

6 Em razão de, no campo da Teoria da Ciência, o enunciado hipótese se apresentar como um termo polissêmico, faz-se imperioso ressaltar que, nesta pesquisa, estamos a utilizá-lo para identificar o ponto de partida de uma futura pesquisa, especialmente aquelas que se desenvolvem em programas de pós-graduação stricto senso, cujo objetivo será o de comprová-la ou refutá-la. Nesse contexto, "[...] Abbagnano [17, p. 500], em seu dicionário de filosofia, destaca tal propriedade argumentando que uma hipótese é um enunciado 'que só pode ser comprovado, examinado e verificado indiretamente, através das suas consequências'. O autor complementa dizendo que 'a característica da hipótese é que ela não inclui nem garantia de verdade nem a possibilidade de verificação direta'. Desse modo, o conhecimento científico se estabiliza na medida em que as consequências das hipóteses são examinadas, debatidas e contrastadas. De forma semelhante ao defendido por Popper [18], ainda que a teorização, nessa perspectiva, preceda a empiria, a empiria, focada na contrastação das consequências das hipóteses, possui papel relevante na legitimação do conhecimento" (Heidemann; Lima, 2023).

como fruto, em parte, da assimilação no mundo acadêmico por parte da comunidade estudantil de tais fetiches culturais embalados pelas teses neoliberais. Ideários altamente consumistas e indutores à passividade servil, recentemente reforçados por pressupostos antidemocráticos.

Nesse sentido, a partir de exemplos de produtos culturais e ideológicos que rondam a realidade universitária, analisaremos em linhas gerais alguns reflexos da espacialização da *indústria cultural* no âmbito da Academia, partindo-se do princípio de que, nem todos os estudantes universitários são submetidos aos, nas palavras de Adorno, "processos de liquidação do indivíduo", e, que, essa influência é uma, em meio tantas outras concorrentes no volátil processo de construção/reconstrução permanente da identidade dos discentes das Universidades, Centros Universitários e Faculdades.

Antes, uma nota de pórtico: existem múltiplas abordagens filosófico-científicas e teórico-metodológicas a respeito do tema, nesta, em companhia de parte das vozes teórico-metodológicas que me ladeiam registrarei algumas reflexões, que, nesse sentido, longe das grandes verdades, constituem-se em miúdas provocações. Vejamo-las:

2. A INDÚSTRIA CULTURAL E O PROCESSO DE LIQUIDAÇÃO DO INDIVÍDUO

Comecemos então pela releitura do conceito de *indústria cultural*. A partir da Primeira Guerra Mundial, o Instituto para Pesquisa Social, vinculado à Universidade de Frankfurt na Alemanha, desenvolveu estudos científicos críticos e reflexões filosóficas fundadas na emancipação do ser humano em face do individualismo e do consumismo sedimentados na sociedade capitalista pelo seu respectivo modo de produção. Essa corrente de pensamento é denominada "Escola de Frankfurt".

O termo *indústria cultural* foi cunhado por dois dos principais teóricos frankfurtianos: Theodor Adorno e Marx Horkheimer. No livro *Dialética do Esclarecimento* (1985), publicado em primeira edição no ano de 1947, utilizaram-no para identificar o processo de homogeneização econômica e política do indivíduo promovido pelos meios de comunicação de massa por intermédio de produtos culturais desenvolvidos e "disseminados" com tal finalidade.

Desse modo, recusam a expressão "cultura de massa" por esta esconder uma armadilha conceitual, pois esse tipo de manifestação social não nasce naturalmente no seio da população, ao contrário, lhe é imposta como produto de dominação ideológica, e, é por este motivo que Adorno e Horkheimer na obra acima citada, a substituem pelo termo *indústria cultural*, bem mais condizente com seu real significado.

Nesse processo de homogeneização, o ser humano é visto como simples objeto, "Cada espetáculo da indústria cultural vem mais uma vez aplicar e demonstrar de maneira inequívoca a renúncia permanente que a civilização impõe às pessoas. Oferecer-lhes algo e ao mesmo tempo privá-las disso é a mesma coisa" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 116).

Na mesma obra, recorrem às tecnologias de comunicação da época para denunciar a utilização industrial das manifestações culturais visando inocular submissão e passividade nos indivíduos mais incautos quando afirmam que os filmes de animação, por exemplo, "fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que

a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda a resistência individual" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 114).

Nesse sentido, chamam a atenção para o fato de, a exemplo do Pato Donald nos desenhos animados, "[...] assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 116).

A *indústria cultural*, ao mesmo tempo, inventa as necessidades e os desejos da moda, bem como se apresenta como a única que pode satisfazê-los. Em um sistema retroalimentado, organiza as mercadorias de uma maneira que o sujeito "[...] se veja nelas unicamente como um eterno consumidor, como objeto da indústria cultural" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 117).

Por esse caminho, em outra obra, *O Fetichismo na música e a regressão da audição,* Adorno (1996), ainda se utilizando do termo "cultura de massa", a adjetiva como masoquista, assegurando que ela "[...] constitui a manifestação necessária da própria produção onipotente. Corresponde ao comportamento do prisioneiro que ama sua cela porque não lhe é permitido amar outra coisa" (Adorno, 1996, p. 80). É o que ele denomina de *processo de liquidação do indivíduo*.

Nele, a pessoa se torna prisioneira dos seus desejos, que não são realmente seus, são exteriormente impostos de forma silenciosa por um poder superior à vontade individual. Uma espécie de coletivização de comportamentos padronizados e de homogeneização de desejos travestidos em falsas necessidades.

3. BREVES ASPECTOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A INDÚSTRIA CULTURAL E O ESPAÇO UNIVERSITÁRIO CONTEMPORÂNEO

Nesse contexto, a *indústria cultural*, além da sua imensa variedade de mercadorias, desenvolveu produtos específicos voltados para os estudantes universitários, amplamente disseminados pelos meios de comunicação social e potencializados pelas mídias digitais na contemporaneidade.

É o caso, por exemplo, do "Sertanejo Universitário", do "Forró Universitário" e até de Encontros e Congressos em que as poucas atividades acadêmicas se restringem a quatro ou cinco palestras com autores (também produzidos pela indústria cultural) que beiram a autoajuda, em meio a uma variada gama de atrações da Indústria do Turismo e do lazer, como shows, boates e luaus à beira da praia.

Um deles, autodenominado o maior evento universitário do Brasil realizado em São Carlos, interior de São Paulo, em sua 42ª edição, de acordo com estimativas da imprensa local, teria recebido 40 mil estudantes universitários de todo o Brasil nas festas e jogos, movimentando cerca de R$ 10 milhões na economia da cidade, com mais de cinquenta horas de shows em uma área de 10 mil metros quadrados, com cobertura especial da EPTV Central, emissora afiliada da Rede Globo, e do G1-Globo[7].

Vejamos uma parte da hiperbólica cobertura do evento "universitário", na qual as atrações são relacionadas:

7 Vide cobertura jornalística completa do evento. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/tusca/ Acesso em: 21 nov. 2023.

> Mais de 50 atrações passarão pelo palcos, tendas e festas. **Veja abaixo:**
>
> **Quinta-feira–2/11**
>
> **Atrações palco principal**: Péricles, WIU, Teto, MC Danny, Mega Baile do Areias e Illusionize Music;
>
> **Atrações palco eletrônico**: Thais Barja, FractaLL, Etta Music e Marcela Andrade.
>
> **Sexta-feira–3/11**
>
> TENDA–Gumpin DJ, Sound Quebrada, Exquece Aí, Duda Freitas, Kenan e Kel, Nardini FESTA NOTURNA
>
> **Palco principal:** NX Zero, Zé Neto e Cristiano, MC Ryan SP e Pabllo Vittar; **Palco eletrônico**: Bhaskar, DJ Zac, Doksomusic, Molothav, Gaba Kamer e Idid.
>
> **Sábado–4/11**
>
> TENDA–Hellmet & Fred, Pagode do Lukinhas, Naza, Kitinho, Bin Laden, Turin, Titas. FESTA NOTURNA
>
> **Palco principal**: Luisa Sonza, Lexa, MC Hariel, MC Jacaré e JD Arana; **Palco eletrônico**: Ekanta Jake, Vini Vici, Spuri Music, Tessuto, Renato Ratier, Adala Moon e Shoul Shine DJ.
>
> **Domingo–5/11**
>
> **Festa open bar** - Garzs, Charlenny, Maducci, Maze, Dj Carrari, Dj Rick, Bailão Mágico e Paredão.
>
> **[...]**
>
> **Melhores momentos na EPTV Central**
>
> No sábado (4), logo após o Altas Horas, às 0h20, a **EPTV Central** transmite os melhores momentos dos shows de sexta da Tusca. Não perca!!
>
> (G1-Globo, 2023, grifos originais).

Nesse contexto, um dos aspectos mais marcantes da festa é o disputado 'banho de lama'. Tradicional no evento, ele foi destaque na edição de 2022, conforme registrado em uma matéria do G1-Globo, que incluiu a reprodução de um vídeo e a transcrição do texto que acompanhava a imagem.

Vejamo-los:

Imagem 1 - O "banho de lama" dos universitários.



Fonte: G1-Globo, Assis, 2022.

> Um vídeo com estudantes escorregando na lama na festa da Taça Universitária de São Carlos (SP)–Tusca–viralizou nas redes sociais. O momento virou tradição entre os 'tusqueiros' e impressionou os internautas.
>
> Somente até a noite de terça-feira (15) em uma rede social, o vídeo tinha mais **1,3 milhão de visualizações** e **51,6 mil curtidas**, além de ter sido **compartilhado mais de 6 mil vezes**.
>
> O 'banho de lama" é uma tradição da Tusca, maior evento universitário do país, que foi realizado entre sábado (12) e terça-feira (15), em São Carlos (SP), mas chocou os internautas que não conheciam essa "atração" da festa. (Assis, 2022, grifos nossos).

Tais atividades podem ser praticadas por quaisquer pessoas, inclusive pelos estudantes universitários, no entanto, o que se questiona é a apropriação das ralações entre acadêmicas/os e do espaço universitário pela *indústria cultural*, visando padronizar comportamentos e criar uma Identidade entre estudantes universitários fundamentada pela fetichização mercantil (portanto não acadêmica) do capital social universitário, embalado para o consumo exacerbado de quaisquer mercadorias que se pretenda vender/impor.

Assim, na contemporaneidade, a *indústria cultural*,

> [...] se apropria das obras culturais para consumi-las, devorá-las, destruí-las, nulificá-las em simulacros. Justamente porque o espetáculo se torna simulacro e o simulacro se põe como entretenimento, os meios de comunicação de massa transformam tudo em entretenimento (guerras, genocídios, greves, festas, cerimônias religiosas, tragédias, políticas, catástrofes naturais e das cidades, obras de arte, obras de pensamento). É isto o mercado cultural. (Chauí, 2008, p. 61).

Outro ponto nevrálgico da questão, que está para além do consumismo, e, principalmente do modelo individualista de existência que, conforme a nossa hipótese, pode auxiliar no processo de indução do estudante ao descaso com a vida da classe trabalhadora pobre e, no futuro, à prática do parasitismo social[8] por intermédio do exercício profissional antiético, reside no lamentável fato de parte considerável do espaço acadêmico tornar-se palco para o culto à imbecilização coletiva.

Nesse contexto, durante os Jogos Universitários de Medicina (Intermed), realizados em um ginásio de esportes em Vassouras, no Rio de Janeiro, estudantes de um curso de Medicina desse estado filmaram e divulgaram nas redes sociais um vídeo no qual, em coro, entoavam cantos hostis aos colegas do Espírito Santo. Entre os refrãos estavam: 'É, eu sou playboy, não tenho culpa se seu pai é motoboy' e 'Meu dinheiro não acaba... meu dinheiro não acaba' (Boletim Metrópoles, 2022)."

Sobre o fato, à época, ponderou Kertzman:

> Não há faculdade de medicina, no Brasil, que custe menos do que R$ 5 mil ou R$ 6 mil por mês. Ao contrário! Há escolas que cobram até R$ 12 mil mensais. Estamos falando de um País, que essa garotada só ouviu falar "en passant", onde mais de 30 milhões de pessoas passam fome; 78% das famílias estão endividadas; 65 milhões de brasileiros estão com os

8 Termo emprestado da Biologia, em especial da parasitologia, aqui utilizado como metáfora ao exercício antiético das profissões cujo acesso depende da formação universitária, partindo-se da hipótese de que estudantes universitários que se submetem ao culto à ***imbecilização coletiva*** estariam (supostamente) mais propensos a se tornarem profissionais menos comprometidos com os valores sociais das diversas profissões. Por exemplo, um médico ou advogado que só trabalham pelo retorno financeiro, sem oferecer uma contrapartida pelos recursos materiais e intelectuais que foram mobilizados pela sociedade organizada para sua formação.

> nomes sujos por inadimplência; e que ocupa os últimos lugares em todos os testes internacionais de Educação (Kertzman, 2022).

Noutra edição do Intermed em 2023, durante uma partida de vôlei feminino, alunos da Universidade Santo Amaro invadiram a quadra com as calças abaixadas exibindo os seus pênis simulando uma masturbação coletiva, para responderem a uma provocação da torcida do Curso de medicina da Faculdade São Camilo, na qual alunos e alunas mostravam suas nádegas desnudas em uma exótica exibição denominada "bunda lê-lê".

Ao cobrir o acontecimento, a Revista Fórum lembrou que a prática é generalizada, inclusive os cantos contra pobres. "Alunos abastados, que pagam mensalidades em torno de R$ 10 mil, se comportam desta maneira desde sempre diante dos olhos de todos, inclusive das direções das universidades, que fazem vista grossa, tratando provavelmente como 'coisa de meninos'" (Bittencourt, 2023).

Manifestações racistas e aporofóbicas são comuns em eventos esportivos universitários. Em 16 de novembro de 2024, durante a última edição dos Jogos Jurídicos, estudantes de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) foram flagrados, em uma partida de *handebol*, ofendendo com gestos obscenos e palavras de caráter racista alunos da Universidade de São Paulo (USP).

Enunciados como "pobre, cotista" e "cotista filho da puta", acompanhados de gestos ofensivos como exibir o dedo médio em riste, mostrar um cartão de crédito ou esfregar os dedos polegar e indicador (símbolo do dinheiro), circularam em vídeos publicados na internet. Tais atos insinuavam uma suposta superioridade em relação a colegas identificados como pobres e beneficiários de políticas afirmativas.

Nesse contexto,

> Não tomar atitudes sérias, de educação, não só de punição, mas de educação, de diálogo, de abrir oportunidades para os ofensores conhecerem e [entenderem] a realidade do próximo, é uma revitimização sobre quem sofre o dano. Se [...] a Universidade não age, abona, aprova, referenda, na prática através de sua omissão (Oliveira, 2024).

São exemplos contemporâneos de exclusão do outro que ocorreram/ocorrem em extensões do espaço universitário, patrocinados por universitárias/os, que, em alguns casos, contam com a conivência de intuições universitárias.

Entretanto, ponderações de premissas básicas sobre os processos de construção, desconstrução e reconstrução de identidades, podem revelar as engrenagens possibilitadoras/indutoras desta coletivização da *ignorantia*, onde deveria prevalecer a construção compartilhada do conhecimento filosófico-científico.

4. NOÇÕES SOBRE OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nesse contexto, de análise da influência da *indústria cultural* no processo de formação identitária dos estudantes universitários, faz-se importante ressaltar que, o atual sistema universal de produção de riquezas necessita da padronização do comportamento das pessoas para impor-lhes

as suas mercadorias (materiais e imateriais), e, acima de tudo, espacializar seu modelo civilizatório. Nesse sentido, homogeneíza condutas sociais, tanto no âmbito das relações globais, quanto na esfera dos relacionamentos regionais e locais.

O que se nota no comportamento de muitos estudantes universitários é, na realidade, o reflexo de uma política econômica que se desenvolve nos níveis internacional, nacional e, em particular, no âmago das instituições sociais públicas e privadas, como as Universidades, Centros Universitários e Faculdades.

O desenvolvimento dos processos de identificação são construções políticas, intencionais, concretas. Assim sendo, "se as identidades sociais são simbólicas, os símbolos que compõem uma identidade não são construções totalmente arbitrárias ou aleatórias [Pelo contrário, para Haesbaert], eles precisam ancorar-se em referentes materiais ou, em outras palavras, têm sempre uma fundamentação política, 'concreta'" (2007, p. 42).

Desse modo, apesar de a identidade dos estudantes universitários se constituir a partir de diversos aspectos da vida social e humana, para compreensão de tais processos de construção identitária, nesta pesquisa privilegiaremos a influência da *indústria cultural* em uma releitura da "teoria crítica da sociedade", cuja matriz dialética nos permite analisar parte das contradições da realidade social nas quais se desenvolvem essas relações de poder.

Por esse viés, faz-se necessário identificar a quem interessa a edificação de tal identidade nos moldes atualmente propostos. "Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece" (Castells, 1999, p. 23).

Nessa direção, outra reflexão essencial sobre a construção de identidades, reside no fato de que tal empreendimento se materializa com os aportes "[...] da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso" (Castells, 1999, p. 23).

No entanto, faz-se necessário compreender que,

> [...] todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. Avento aqui a hipótese de que em linhas gerais quem constrói a identidade coletiva, e para quê essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem (Castells, 1999, pp. 23-24).

O que Castells propõe acima é bastante plausível, principalmente em relação ao que ele denomina "identidade legitimadora", pois a alienação promovida pelos processos de enraizamento ideológico tem exatamente esta função: enganar o máximo de pessoas para que estas, ideologicamente sugestionadas, se identifiquem com interesses alheios aos seus se engajando em projetos que não lhes pertencem.

É o que acontece, por exemplo, no plano político-econômico quando trabalhadores assalariados pobres, se identificando com os atuais projetos da economia neoliberal, construídos histo-

ricamente pelos (e para os) proprietários dos meios de produção, defendem práticas predatórias e potencialmente adoecedoras do capitalismo e, que, nesse sentido, os atingem diretamente. É o caso da diminuição de direitos, dos salários baixos (mais-valia), da carga horária exaustiva, do trabalho monótono, dos juros extorsivos, etc. Enfim, são trabalhadores a fazer coro à precarização de seu próprio trabalho.

Por essa perspectiva, ao analisar a "identidade brasileira", Roberto da Matta reforça a importância da discussão sobre os processos de identificação ao afirmar que,

> De fato, a identidade social é algo tão importante que o conhecer-se a si mesmo através dos outros deixou os livros de filosofia para se constituir numa busca antropologicamente orientada. Mas o mistério, como se pode adivinhar, não fica na questão do saber quem somos. Pois será necessário descobrir como construímos nossas identidades (Da Matta, 2001, p. 15).

Também é importante ressaltar que a cultura humana é rica e plural, e as novas práticas e comportamentos sociais são a garantia da riqueza da história da humanidade. Por outro lado, é preciso cautela para não confundir cultura com alienação, já que, *mutatis mutandis*, o processo alienatório, "[...] desvenda a necessidade que obriga cada uma das instituições sociais a buscar sua própria universalização, lutando para evitar uma queda no particular, que lhes roubaria a legitimidade de valer igualmente para todos" (Chauí, 2001, p. 65).

Nesse sentido, em tempos de incertezas, é prudente não acreditar em uma cultura única, globalizante, pois a sociedade é formada por várias culturas, gente diferente, com origens e costumes diversos, em incessante busca pela legitimação de suas posições políticas, religiosas e filosóficas.

Outro aspecto a ser enfrentado consiste na análise de reflexos da influência do maquinismo e da divisão social do trabalho na universalização do pensamento humano promovida pelo consumismo, e, que, como fazem parte do mesmo processo civilizatório, acabam também por influírem na construção da identidade dos estudantes universitários, bem como em sua autonomia intelectual. Nesse sentido, seguem as próximas reflexões.

5. IDENTIDADE, MAQUINISMO E FETICHISMO

Desse modo, faz-se importante tecer ponderações sobre o fato de o ensino universitário influir na divisão social do trabalho e, em via de mão dupla, sofrer influências das relações trabalhistas, pois nessa relação simbiótica, o maquinismo embalado pelo fetichismo da mercadoria, tem o potencial de se imiscuir no espaço universitário.

Em 1848, Marx e Engels ao analisarem no campo das relações trabalhistas a influência do maquinismo e da divisão social do trabalho na perda da autonomia do trabalhador, bem como na consequente e natural perda da satisfação deste com o seu trabalho afirmaram que, "este [o trabalhador] torna-se um simples acessório da máquina. Só lhe exigem o gesto mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender" (Marx; Engels, 2002, p. 35).

Assim sendo, o maquinismo e a robotização do operário extrapolam os limites da fábrica e, ao atingirem o cerne da sociedade têm o potencial de transformar cidadãs e cidadãos, professores e estudantes em operários de um sistema voltado à reprodução dos padrões civilizatórios

baseados na tríade consumo-produção-consumo, reduzindo a cidadania a atos mercadológicos padronizados.

Trata-se do "homem genérico", produto e objeto da indústria cultural, submetido à ideologia do consumismo. É exatamente por isso que a cultura enlatada, produzida em larga escala em todas as áreas da arte, caminha lado a lado com o amor incondicional às mercadorias, confundindo-se com estas ao se transformar também em objeto de consumo.

Nessa direção, Tenzin Gyatso, ao discorrer sobre a padronização do comportamento humano, metaforicamente equipara a sociedade contemporânea a "[...] uma imensa máquina autopropulsionada. Em vez de os seres humanos acionarem a máquina, cada indivíduo torna-se um pequeno componente insignificante sem outra opção a não ser mover-se quando a máquina se move" (Tenzin Gyatso, 2006, p. 16).

Assim, no âmago da sociedade de consumo constrói-se uma imensa estrutura social tão egoísta que produz solidão em meio às multidões, ao utilizar as pessoas como descartáveis molares de suas engrenagens, com a simples função de interligados e, muitas vezes sem resistência, executarem os movimentos que o todo determina.

Por esse caminho, a universalização do pensamento promovida pelo consumismo e pela *indústria cultural*, ao invés de resistência, produz alienação, padroniza comportamentos e robotiza. Muitos estudam história pelo *WhatsApp, Facebook* e *Telegram* e, nesses passos, duvidam da Ciência e espalham as mais absurdas *fake news* a serviço de ganhos econômicos, políticos e religiosos por parte de poderosas organizações.

Nas redes "sociais" da *internet*, esses mensageiros da desinformação (alguns formados e/ou ligados ao espaço universitário) ridicularizam a politização e exploram a ignorância geral. Desse modo,

> A inutilidade leva à ausência de reflexão: o imbecilizador atua para rebaixar o cidadão a consumidor de inutilidades. Aqueles para quem trabalha – ou contra quem trabalha – são cidadãos que ele ajuda a não pensar. Extirpar o senso crítico de cada um é um passo necessário nos procedimentos que levam à imbecilização. Mas enquanto suas vítimas sofrem com a aprendizagem de um destino infeliz, esse profissional parece realizar suas atividades sem esforço (Tiburi; Casara, 2017).

Os programas sensacionalistas (de rádio, TV e *internet*) incentivam a violência policial e inculcam a cultura da vingança nos mais ingênuos; o jornalismo irresponsável incita a população a substituir o desejo de justiça pela sede de sangue, combatendo um tipo de violência com outro ainda mais perverso. As revistas e os programas de fofoca expõem a vida alheia de forma irresponsável e desenvolvem o culto à personalidade em crianças e adolescentes, que, não se enquadrando nos padrões de beleza, sentem-se inferiorizados.

As músicas alienantes massificam; os ritmos medíocres funcionam como adestramento de seres humanos... os horizontes da pessoa são reduzidos, frases fáceis repetidas à exaustão e a coreografia sensual composta por movimentos padronizados anulam-no como indivíduo. A dominação é disfarçada sob o manto da diversão, e o prazer de "consumir por consumir", se apresenta com outros nomes: moda e sucesso.

Nesse processo, as manifestações da cultura regional são oprimidas e, em muitos casos, suprimidas em nome da criação do ser globalizado, gerador de lucros (em sentido econômico) e de votos (em sentido político). Em outras palavras: o sujeito colonizado.

Não pelo colonialismo político-administrativo, mas pelo seu herdeiro: o "colonialismo econômico" atenuado pelo "colonialismo cultural". Abrandamento que, visto de outra maneira, "[...] faz com que um mecanismo de exploração e opressão seja encarado com naturalidade e até docilidade" (Lopez, 1988, p. 16), disfarçando a dominação e diminuindo a força das tentativas de resistência que por ventura ocorram no interior do sistema de controle das gentes.

É o consumismo, coisificando o ser humano e humanizando a mercadoria, padronizando as pessoas e fazendo-as acreditar no "ter" como modelo de felicidade. "O fetichismo das mercadorias é a forma de poder no espaço do mercado" (Santos, 2005, p. 286). Um poder autônomo, mensageiro da exploração.

Por esse caminho, em uma releitura de Marx, Boaventura Santos assegura que [...] "a crescente estetização do consumo converte as mercadorias numa configuração de mensagens expressivas que fomentam uma concepção materialista da vida no mesmo processo em que desmaterializam os produtos" (Santos, 2005, p. 286).

As pessoas são relegadas a um segundo plano e a adoração aos objetos elevada a um nível ótimo de satisfação. "A marca, o logotipo, o mapa de cores, o traço do estilo, multiplicam os valores de uso e, com isso, prolongam a eficácia dos produtos para além daquela que pode decorrer do trabalho produtivo" (Santos, 2005, p. 286).

Nesse sentido, Drummond utiliza a metáfora do "Eu, etiqueta" para criticar o fato de a pessoa ao encantar-se com as marcas e se comportar como um ser autômato que vive para consumir submetendo-se sem resistência aos jogos do mercado, nivelar-se às mercadorias que tanto ama, fazendo de si um "[...] homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada, [aquele que cultiva a docilidade do] andar na moda, ainda que a moda seja negar [sua] identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas, todos os logotipos do mercado" (Andrade, 1987, p. 86-87).

Desse modo, outorga ao ser humano o título de "ex-homem", concebendo-o no jogo estabelecido pelo consumismo como "a Coisa". Vejamos:

> Com que inocência demito-me de ser. Eu que antes era e me sabia tão diverso dos outros, tão mim–mesmo, ser pensante, sentinte e solidário com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição. Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro. [...] E nisso me comprazo, tiro glória de minha anulação. [...] Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher. [...] Hoje sou costurado, sou tecido. Sou gravado de forma universal. Saio da estamparia, não de casa, da vitrine me tiram, recolocam, objeto pulsante mas objeto, que se oferece como signo dos outros objetos estáticos, tarifados. Por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é Coisa. Eu sou a Coisa, coisamente (Andrade, 1987, p. 87).

Esse domínio, em certa medida religioso, que a mercadoria exerce sobre as pessoas em pleno século XXI, já era no século XIX estudado a fundo por Marx, que à época assegurava que "À

primeira vista, a mercadoria parece ser coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheio de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas" (Marx, 1980, p. 79).

Nessa mesma linha, Appadurai (1994), ao discorrer sobre o fetichismo do consumo e o poder da mídia, assegura que,

> [...] o consumidor foi transformado, através do fluxo dos bens de consumo (e dos midiapanoramas, especialmente da propaganda que os acompanha) num sinal, tanto no sentido dado por Baudrillard, de um simulacro que apenas assintomaticamente aborda a forma de um agente social real, como no sentido de uma máscara para o verdadeiro lugar do agente, que não são o consumidor e as forças múltiplas que constituem a produção (p. 324).

E, destacando a criatividade e as sutilezas das imagens de mundo produzidas pela propaganda, conclui ressaltando o fato de o consumidor ser "constantemente ajudado a acreditar que é um agente, quando, na realidade, na melhor das hipóteses, ele é um mero escolhedor" (Appadurai, 1994, p. 324).

Ainda sobre o fetichismo, Marx adverte que a naturalização da mercadoria faz com que seus efeitos negativos sejam ignorados pela sociedade. Ele afirma: "Na nossa sociedade, a forma econômica mais geral e mais simples que se liga aos produtos do trabalho – a forma-mercadoria – é tão familiar a toda a gente que ninguém vê mal nisso" (Marx, 1974, p. 71).

Nessa perspectiva, a *indústria cultural*, aproveitando-se da inocência dos menos atentos, lança mão do poder da mercadoria fetichizada por intermédio de seus produtos voltados à massificação do indivíduo. A pessoa não percebe a dominação, e, induzida pela *indústria cultural*, "compra" quaisquer produtos anunciados no r**ádio, na** televisão e na internet, por mais antitéticos que sejam.

6. IDENTIFICAÇÃO: *CONTROLE X RESISTÊNCIA* EM UM TERRITÓRIO IMATERIAL

Nesse contexto, também faz-se importante dedicar algumas reflexões a partir do seguinte questionamento: se muitos estudantes universitários são influenciados com tanta facilidade pelos meios de comunicação de massa, sendo docilmente submetidos aos modismos do entretenimento, não seriam presas fáceis das armadilhas teórico-metodológicas de doutrinas obsoletas, tanto no âmbito filosófico-científico, quanto nos domínios da política e da economia?

Por esse caminho, no primeiro caso, podemos citar a adesão ao positivismo acrítico. Conjunto de ideias, que, fundamentadas pelo individualismo formalista de índole liberal-conservadora, nas ciências sociais e humanas, desenvolve um apego cego (acrítico) aos discursos de autoridade.

A par disso, a diminuição do senso crítico na academia facilitaria a adesão a outros discursos formalistas. Por exemplo, o da suposta "neutralidade" científica, uma postura de passividade com relação ao sofrimento dos espoliados da sociedade, que além de contribuir para a construção de uma educação universitária formalista e tecnicista, desumaniza o fazer científico.

Acontece que, ainda que existisse, a denominada "neutralidade" científica não poderia significar omissão, já que o intelectual deve à sociedade sua formação. Mesmo os que não estudaram

em escolas públicas estão em mora. Quem vive em comunidade tem a obrigação de adequar parte de seus interesses aos objetivos da coletividade, pois a educação precisa ser entendida como um instrumento de emancipação de todos, ao invés de ser concebida como componente de um projeto individualista de vida.

A passividade diante das misérias humanas é, no mínimo, incentivo aos que delas fazem arma, tornando a vida das pessoas socialmente mais vulneráveis um verdadeiro martírio. É exatamente por isso que "[...] essa passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma de barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo" (Adorno, 1995, p. 164).

Nesse sentido, podemos citar outro fenômeno correlato, o *determinismo*. Ele impõe ao ser humano uma condição passiva na sociedade por intermédio de um imobilismo fatalista. Assim sendo, a pessoa acredita que todas as misérias da humanidade são insolúveis, estando sua sorte inexoravelmente determinada por uma "ordem natural" preexistente e irresistível.

Nessa direção, Soares recorda Gurvitch, para quem "a ambiguidade da glorificação do determinismo social encobre o medo da mudança e da possibilidade do risco, do horror à novidade imprevista, do desejo de ser subjugado e de subjugar" [para, em seguida, demonstrar sua empatia com a concepção finalista]: "o homem tem de ser sujeito de sua própria história, contribuindo para as transformações sociais" (Soares, 2001, p. 44-45).

Por esse caminho, é preciso entender que,

> Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra [...]. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. Não posso, por isso cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e "morno", que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como ato ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir (Freire, 1996, pp. 84-86).

O futuro não está pré-determinado, é uma obra em construção. Respeitar as diferenças não é se submeter ao raciocínio globalizante que aliena para dominar; ao contrário, é resistir para se libertar. Reconhecer que, quando a existência digna de uma pessoa é violada, o direito de todos está ameaçado.

Entretanto, mesmo aqueles que reduzem o âmbito da experiência aos tempos atuais, minimizando o impacto do passado face às novas experiências da humanidade, não devem se render ao efeito paralisante do imobilismo, pois o "futuro está realmente – não só como representação – no presente. Ele está como causação, como determinação do presente. Se gera em tempo-agora" (Capella, 1998, p. 34).

No campo da política, o perigo dessa dócil sujeição ao controle coletivo realizado pela mídia, em especial pelas redes sociais da *internet*, está na disseminação de ideologias também anacrônicas, individualistas e retrógradas, que objetivam a submissão dos sujeitos aos interesses de grupos político-econômicos e político-religiosos.

Não que se pregue o horror da censura. "Em nenhum momento da história, em nenhum país do mundo, houve ofensa à democracia sem violação dos direitos individuais e das liberdades básicas, como a liberdade de expressão e de consciência", afirma Magalhães (2002, p. 349), defendendo a liberdade de imprensa e de expressão, sem deixar, no entanto, de alertar para o perigo de seu exercício de forma insensata, já que,

> [...] com a evolução tecnológica, com os modernos meios de comunicação social e as modernas técnicas de propaganda e controle da opinião pública, têm os detentores desse poder de comunicação eficazes meios de manipulação de massas, que, sem dúvida, podem colocar em xeque a democracia política, instaurando uma moderna forma de perpetuação no poder de uma elite econômica, que controla os meios de comunicação social. É, pois, o tema de uma importância fundamental, principalmente quando a mídia anuncia o sucesso de um sistema econômico que é colocado como perfeito, como se tivessem encontrado a sociedade a que se aspirava. É o risco da imutabilidade da "perfeição", o velho constantemente mostrado como novo, mudando-se o discurso e o rótulo (Magalhães, 2002, p. 349–350).

Na esfera econômica, os estudantes tornam-se alvo da expansão de grupos capitalistas que disputam espaços universitários. Um exemplo disso é a territorialização – material e imaterial – dos empreendimentos bancários e suas estratégias de ampliação de mercado para o público acadêmico. A "conta universitária", por exemplo, é vendida como sinônimo de 'liberdade' e 'poder', mas, em essência, esconde armadilhas do crédito fácil e juros abusivos que comprometem a vida financeira dos estudantes.

É a expansão de parte do que Fernandes denomina "terceiro território", conceito que, segundo ele, também "[...] pode ser esclarecido pela circulação da mercadoria. Empresas expandem e perdem territórios de acordo com o aumento ou diminuição do consumo de seus produtos" (Fernandes, 2009, p. 210).

Assim sendo, na direção dos argumentos apresentados, pode-se afirmar também que as disputas teórico-metodológicas e ideológicas no espaço universitário também são produtos de um processo de territorialização. Trata-se do território imaterial, que "[...] presente em todas as ordens de territórios [...] está relacionado com o controle, o domínio sobre o processo de construção do conhecimento e suas interpretações" (Fernandes, 2009, p. 210).

Outra característica do território imaterial é sua utilização para viabilizar ou inviabilizar políticas públicas. É caso das benfazejas políticas de cotas na Universidade Públicas, que, nesse sentido,

> [...] são produzidas como um território imaterial, cuja intencionalidade é promover a inclusão de sujeitos por meio de processos qualificados. Essas políticas rompem com processos seletivos genéricos que de fato escondem outras condições políticas de acesso à universidade. Os exames universais de seleção para as universidades mantêm os privilégios dos mais abastados que são perdidos nos exames seletivos por cotas. É assim que um território imaterial, uma ideia, uma política se materializa em condição real de acesso à universidade e de mudança de destino de muitas pessoas. Essa mudança não se realizaria sem a criação do território imaterial que materializou o novo rumo das vidas do sujeito (Fernandes, 2009, p. 212).

Nesse contexto, entendemos que tais disputas territoriais imateriais influenciam diretamente os processos de construção identitária dos estudantes universitários, e, entre os diversos

conceitos filosófico-científicos e políticos que se digladiam no espaço universitário podem-se encontrar outros de natureza mercadológica a serviço da *indústria cultural*, como, por exemplo, a produção em série de trabalhos científicos sem preocupações qualitativas, os já citados congressos "científicos" promovidos pela indústria do turismo e do lazer, etc.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: *FRAGMENTOS DE UMA HIPÓTESE*

Antes de tudo, faz-se imprescindível concluirmos que, se há méritos nesta análise, estes não são verdades epistemológicas, mas provocações a depender de efetiva comprovação em futura pesquisa, que, ao contrário desta, deverá ser empírica e mais alargada pelo prisma teórico-metodológico.

Em nossa pesquisa, sugerimos, repisa-se, à guisa de posterior comprovação, a possibilidade de haver relação entre a diminuição da capacidade crítica e de resistência intelectual na academia à submissão de parte da comunidade estudantil a tais fetiches culturais. Entretanto, repisa-se que, por óbvio, tal hipótese somente poderá ser validada em estudos mais amplos, complexos e guiados pela empiria, especialmente aqueles que se desenvolvem em programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Desse modo, apenas apresentamos fragmentos de uma hipótese por intermédio de breve análise bibliográfica (descritiva, analítica e interpretativa) dos reflexos contemporâneos produzidos pela *indústria cultural* nos processos de construção identitária nos espaços universitários, com enfoque na tentativa de homogeneização econômica e política embalada em eventos e produtos artísticos e esportivos voltados ao público universitário

Para tal escopo, privilegiamos uma releitura da "teoria crítica da sociedade", cuja matriz dialética nos permitiu analisar parte das contradições da realidade social nas quais se desenvolvem essas relações de poder.

Com o fim da presente análise, e, sem a pretensão de esgotar o debate, conclui-se que, em razão da ampliação do alcance dos meios de comunicação social por intermédio da *internet*, na contemporaneidade, mais do que em outras épocas, as diversas identidades são construídas a partir de processos de identificação permeados por negociações de significados numa disputa de interesses que se desenvolvem em uma arena social em permanente conflito.

Nesse cenário, em nome de interesses mercadológicos, a *indústria cultural* está a promover um eficiente processo de espacialização de seus produtos culturais, no qual felicidade, satisfação profissional e pessoal, realizações de desejos íntimos, etc. são apresentados como estando ao alcance de todas as pessoas, basta a compra de um simples convite para o Show, um *abadá* para o Trio Elétrico, um telefone celular do último modelo, a roupa da moda, a cirurgia e o tratamento estético do momento, o penteado do ídolo da música, o corpo esquelético da modelo...

Como tais fetiches culturais e consumistas também fazem sucesso no meio universitário, tradicional centro de resistência, aventou-se a hipótese (que necessita ser confirmada em uma futura pesquisa, mais robusta e empiricamente consistente) de que, a espacialização tentacular da *indústria cultural* nas Universidades, Centros Universitários e Faculdades, poderia estar a contribuir, em boa medida, para a formação de alguns estudantes-consumidores, despolitizados, alheios

às dores do mundo e às lutas sociais e humanitárias, pessoas que, no futuro, poderão ser tecnocratas individualistas, ao invés de cientistas e/ou profissionais, contributos de um mundo mais justo e plural.

Também pôde-se observar que a influência da indústria cultural pode ir além do aparentemente inocente ecletismo musical, bem como em relação a outras manifestações artísticas, pois, "empacotadas" pelas modernas estratégias de mercado, fundamentadas pelo *fetichismo da mercadoria* acabam padronizando comportamentos no sentido de manter a dominação econômica, e, em seu rastro individualista, homogeneizar também o pensamento político e científico, sob o manto do discurso frio de uma suposta "neutralidade" intelectual. Nesse sentido, foi destacada a influência do positivismo formalista e do neoliberalismo, faces da mesma "moeda" civilizatória.

Outra constatação foi a de que a formação das identidades deve ser compreendida como um processo complexo e contínuo, e, que a construção da identidade dos estudantes universitários não está presa ao determinismo fatalista de submissão às teses individualistas que pregam um único modelo de ser humano, de sociedade e de fazer cientifico.

Nessa direção, compreendeu-se que, apesar do terreno fértil que a *indústria cultural* tem encontrado no espaço universitário para disseminação de seu projeto ideológico, é possível uma contraofensiva com fundamento na emancipação e na resistência, pois, se assim não for, a Universidade pode ver diminuída a sua essência filosófico-científica e, em casos pontuais, transformar-se em simples reprodutora de interesses mercadológicos, religiosos e políticos.

8. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação.** Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **O fetichismo na música e a regressão da audição.** Textos Escolhidos. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção os pensadores).

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Em busca do poético do Sertão:** um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro JP. (org.). Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

ANDRADE Carlos Drummond de. **Eu, etiqueta.** In: Corpo: novos poemas. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

APPADURAI, Arjun. **Disjunção e diferença na economia cultural global.** In: FEATHERSTONE, Mike (org.). Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade. Tradução de Attilio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1994.

ASSIS, Fabiana. 'Banho de lama' é tradição da maior festa universitária do país realizada em São Carlos (SP). **G1-Globo**. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/11/16/video-de-meninas-escorregando-na-lama-da-tusca-viraliza-e-choca-internautas.ghtml Aceso em 23 nov. 2023.

BITTENCOURT, Julinho. INTERMED**:** R$ 10 mil por mês, punhetaços, bundas de fora e gritos preconceituosos. **Revista Fórum**. Disponível em: https://revistaforum.com.br/brasil/2023/9/19/interme-d-r-10-mil-por-ms-punhetaos-bundas-de-fora-gritos-preconceituosos-144320.html Acesso em 21 nov. 2023.

CAPELLA, Juan Ramón. **Os cidadãos servos.** Tradução de Lédio Rosa de Andrade e Têmis Correia Soares. Porto Alegre: Fabris, 1998. p. 34.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CHAUÍ, Marilena Souza. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**, (1): 53-76, junio 2008.

CHAUÍ, Marilena Souza. **Cultura e Democracia:** o discurso competente e outras falas. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DA MATTA, Roberto. **O que faz do brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ENNES, Marcelo Alario; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a Tipologia de Territórios.** In: SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio. (Org.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários para a pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais:** entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Org). Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Acess, 2007.

HEIDEMANN, Leonardo Albuquerque; LIMA, Nathan Willig; DIFERENTES NÍVEIS DE HIPÓTESES CIENTÍFICAS: uma proposta para discutir fatores epistêmicos e sociais das Ciências na formação de professores de Física a partir de fontes históricas. **Rev. Bras. Ensino Fís.** 45 • 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbef/a/zZsb8nCDnkTGDzNyvTQ7r3f/ Acesso em: 29 abr. 2025.

KERTZMAN, Ricardo. OPINIÃO SEM MEDO: Elite da elite: estudantes de medicina e um repugnante caso de preconceito. **O Estado de Minas**. https://www.em.com.br/app/colunistas/ricardo-kertzman/2022/10/12/interna_ricardo_kertz man,1405988/amp.html Acesso em 21 nov. 2023.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Colonial.** 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. **Direito Constitucional.** Tomo I. 2. ed. Belo Horizonte: Mandamentos, 2002.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Tradução de Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. Livro I – O Processo de acumulação do capital. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. Livro I – O Processo de acumulação do capital: a mercadoria. Secção 4. O Fetichismo da Mercadoria e o Seu Segredo. Tradução de J. Teixeira Martins e Vital Moreira. Transcrição de Alexandre Linares. Centelha–Promoção do Livro, SARL, Coimbra, 1974. Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap01.htm#c1s4. Acesso em: 08 set. 2009.

METRÓPOLES: Vídeo: "Não tenho culpa se seu pai é motoboy", gritam alunos de medicina em evento. **Boletim Metrópoles**, 11 out. 2022, 2º edição. https://www.youtube.com/watch?v=bnJKn5XiagQ Acesso em 22 nov. 2023.

OLIVEIRA, Marcos Alexandre. "Cotista" e "pobre": especialista avalia caso de discriminação entre alunos da PUC e USP: É possível ver, nas imagens, integrantes da torcida da PUC-SP chamando os alunos da USP de "cotistas" e "pobres". [Entrevista concedida a] Beto Souza. **CNN Brasil**, 20 nov. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cotista-e-pobre-especialista-avalia-caso-de-discriminacao-entre-alunos-da-puc-e-usp/ Acesso em: 21 nov. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice:** o social e político na pós-modernidade. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SOARES, Mário Lúcio Quintão. **Teoria do Estado:** o substrato clássico e os novos paradigmas como pré-compreensão para o direito constitucional. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

TENZIN GYATSO, Jetsun Jamphel Ngawang Lobsang Yeshe. **Uma Ética para o Novo Milênio.** Tradução de Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

TIBURI, Marcia; CASARA, Rubens. Imbecilizadores profissionais. **Revista Cult**, 4 de outubro de 2017. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/marcia-tiburi-imbecilizadores-profissionais/ Acesso em 03 dez. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Referendo de 2005. Secretaria Geral da Presidência, Brasília, DF, 2024. Disponível em: https://www.tse.jus.br/eleicoes/plebiscitos-e-referendos/referendo-2005/referendo-2005-1 Aceso em 22 nov. 2024.

VON IHERING, Rudolf. **A luta pelo Direito.** Tradução de João Vasconcelos. 16. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

Como citar – ABNT

ABRÃO, Luciano Rogério do Espírito Santo. A identidade universitária em (re)construção: a influência da indústria cultural contemporânea. **Revista Poíesis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 23, e2025008, Junho, 2024. https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75069

Como citar – APA

Abrão, L. R. do E. S. A identidade universitária em (re)construção: a influência da indústria cultural contemporânea. *Revista Poíesis Pedagógica*, *23*, e2025008. https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75069

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial
Submetido: 30 de abril de 2025.
Aprovado: 29 de maio de 2025.
Publicado: 13 de junho de 2025.

Conflito de interesse
Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados
Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores
Resumo/Abstract/Resumen: Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Introdução ou Considerações iniciais:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Referencial teórico:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Metodologia:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Análise de dados:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Discussão dos resultados:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Conclusão ou Considerações finais:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Referências:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Revisão do manuscrito:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão; **Aprovação da versão final publicada:** Luciano Rogerio do Espirito Santo Abrão.

Direitos Autorais
Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poíesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poíesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access
Este artigo é de acesso aberto (***Open Access***) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (***Article Processing Charges – APCs***). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la–ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

Licença de uso
Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.

Verificação de Similaridade
Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço ***Similarity Check*** da Crossref.

Processo de avaliação
Revisão por pares duplo-cega (***Double blind peer review***).

Editora
Cláudia Tavares do Amaral

Fomento
O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.

Publisher
Este artigo foi Publicado na **Revista Poíesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão - UFCAT**. A Revista Poíesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editoral ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poíesis Pedagógica obteve **Qualis B1.**